



Marcela Santos Brigida entrevista Jamila Lyiscott, professora de Educação em Justiça Social e artista de *Spoken Word*

Marcela Santos Brigida Interviews Jamila Lyiscott, Professor of Social Justice Education and Spoken Word Artist

Tradução: Ticiane Oliveira (UERJ)

JAMILA LYISCOTT, amplamente conhecida como “Dra. J.”, é uma figura proeminente no campo da educação de justiça social cujo trabalho abrange a pesquisa acadêmica, o ativismo e o engajamento público. Ela é *tenured* Associate Professor na University of Massachusetts Amherst, onde também é codiretora fundadora do Center of Racial Justice and Youth Engaged Research. Seu trabalho acadêmico, baseado na comunidade, foca no avanço da igualdade racial com atenção especial às contribuições intelectuais e políticas de pessoas jovens. O programa de investigação da Dra. Lyiscott explora como a linguagem, a cultura e a identidade operam dentro dos sistemas de poder. Por meio de sua produção acadêmica, ela examina o papel de investigações e ativismos liderados por jovens em desafiar iniquidades estruturais e promover ambientes educacionais livres.

A Dra. J. é autora de *Black Appetite. White Food: Issues of Race, Voice, and Justice Within and Beyond the Classroom* (2019), que analisa criticamente como as práticas linguísticas se atravessam com raça e autoridade em contextos educacionais. Além de seu trabalho acadêmico, a Dra. Lyiscott tem amplo reconhecimento como poeta e palestrante. Sua TED Talk “3 Ways to Speak English” — assistida mais de 5 milhões de vezes — trouxe atenção internacional para questões da diversidade linguística em língua inglesa. O trabalho da Dra. J. promove conversas críticas sobre questões raciais, justiça, literatura e o potencial de transformação da educação.¹

¹ A entrevista foi conduzida por meio da plataforma Zoom em março de 2026 e transcrita por Marcela Santos Brigida.

MATRAGA | Em *Black Appetite, White Food* (2019), você abre o livro referindo-se a si mesma como “uma acadêmica ruim, uma ativista ruim e uma educadora ruim”, abraçando o que você descreve como a liberdade de ser “inacabada e parcial”. Como você entende essa postura enquanto posição epistemológica, e de que maneira ela pode desafiar expectativas acadêmicas dominantes em torno da autoridade, particularmente no campo da produção acadêmica sobre raça e justiça?

JAMILA LYISCOTT | Eu sou inspirada pelo trabalho de Roxane Gay — faço questão de mencionar isso — mas, você sabe, é humanizante que nos entendamos como pessoas em busca de algo, mas incompletas. Eu acho que vivemos em um mundo que é muito hipercrítico e que exige — especialmente dos acadêmicos — que, de um lugar de conhecimento especializado, tenham-se todas as respostas. Considero que, em vez de fingir que tenho todas as respostas, tenho uma lente e um fio em uma tapeçaria de compreensão maior. Sendo assim, estou totalmente aberta ao fato de que o que eu talvez esteja nomeando, o que eu talvez esteja explorando, pode não considerar X, Y ou Z. Eu acho que normalmente as pessoas usam essas críticas para diminuir as contribuições que as pessoas fazem para o mundo e que se nós escutássemos uns aos outros diferentemente entenderíamos que isso é apenas uma pequena parte de um todo maior.

Eu formulei isso dessa maneira justamente para me libertar — e também libertar o leitor — da expectativa de que todas as respostas estariam disponíveis neste texto. E acho que isso também representa uma resistência, do ponto de vista epistemológico, às ideologias dominantes sobre o que significa saber, entende? Acho que a sociedade ocidental gosta de categorias bem definidas e da ilusão finita de ter conseguido apreender e conhecer plenamente uma coisa. Para mim, isso é muito mais complicado do que parece; por isso, quero me permitir habitar essas complicações de uma maneira que talvez não dialogue bem com os modos tradicionais de se relacionar com o conhecimento.

MATRAGA | Você argumenta contra o falso binarismo entre análise e ação e, em vez disso, pede por uma prática simultânea. Como esse comprometimento molda as escolhas formais e genéricas no livro — em particular, o movimento entre teoria, narrativa, poesia e pedagogia — e o que isso sugere sobre o papel da literatura no trabalho por justiça social?

DRA. J. | Novamente, eu acho que isso me permite existir na intersecção de múltiplas coisas, porque todos somos múltiplos. Eu sou uma poeta, eu sou uma contadora de histórias, eu sou uma acadêmica, eu sou uma garota negra do Brooklyn. Permito que esses “eus” existam todos de uma vez e me compreendo enquanto uma pessoa que é sujeito da minha realidade agindo sobre o meu mundo, mas que também está se engajando com uma autoanálise e uma análise social profundas. Ir contra isso, mais uma vez, cria espaço para que eu me mova de maneira mais fluida entre esses modos de uma maneira que parece mais autêntica. O que quer que a escrita acadêmica seja em sua forma mais rígida, não sou eu. Então eu preciso estar nesses entre-espacos. Porque quando nós pensamos que a análise é possível sem ação e que a ação é possível sem análise, nos privamos da verdadeira capacidade de análise que de fato informa mudanças reais e nos privamos do propósito da ação que é fundamentada em ques-



tionamentos genuínos sobre nosso mundo. Nós precisamos de mais espaços onde esse tipo de fluidez nos permita estar nesses dois espaços ao mesmo tempo. Quando eu estou imersa na minha poesia, a poesia é uma crítica social. Ela espelha a nossa realidade. Ela é uma forma de análise, mas ela é, por sua própria natureza, uma forma de ação, porque é uma ruptura de como nós interagimos tradicionalmente em trocas de conhecimento. Ela provoca algo que um artigo acadêmico não consegue provocar no plano das nossas sensibilidades e das nossas emoções. Ela faz algo diferente, mas ainda questiona o mundo. Acho que tudo isso tinha a ver com me permitir fazer, no livro e no meu trabalho, coisas que considero necessárias e que eu sinto que a maioria das pessoas acha que precisa de permissão para fazer no nosso mundo e especialmente neste campo de trabalho.

MATRAGA | Sua definição de opressão como “estar preso na narrativa de outro sem poder de autoria” tematiza o letramento como uma questão de justiça. Como essa concepção reenquadra o que configura letramento nos contextos educacionais e literários e quais são as implicações para aqueles cujas vozes são legitimadas dentro das salas de aula e dos cânones?

DRA. J. | Por sua própria natureza, estar preso na narrativa de outro também significa que você está compelido a se adequar à narrativa dele do que se configura como letramento, do que se configura como saber e do que se configura como conhecimento, certo?

Nós sempre temos acesso à nossa agência e à nossa autoria, mas eu estava realmente tentando criar uma imagem de como a opressão opera quando você está preso na definição de outra pessoa e precisa se render a ela para sobreviver. Então o que você tem para oferecer é fundamentalmente deslegitimado, certo? Em contextos educacionais e literários, o que descobrimos que conta como literatura, pensando no trabalho de Toni Morrison, e o que conta como letramento, pensando no trabalho de Freire, realmente nos ajudariam a pensar que o que configura isso muda dependendo do enquadramento narrativo no qual você existe, certo? Quais são os contornos particulares desse enquadramento? No enquadramento ocidental de supremacia branca, nós entendemos o letramento impresso e as práticas de linguagem eurocêntricas como sendo essa narrativa que busca legitimar, definir e delimitar o que configura letramento e o que configura conhecimento, mas a implicação disso é que, quando nós estamos na sala de aula, aquilo que valorizamos, o que avaliamos e em que termos estabelecemos hierarquias acabam constituindo as linhas de enquadramento narrativo, esses parâmetros, e então isso quer dizer que os letramentos, vozes, conhecimento e práticas muito reais que vêm das nossas comunidades não operam de maneiras que são consideradas legítimas dentro dos limites das salas de aula tradicionais e dentro dos limites do cânone.

Até mesmo o cânone ocidental, com sua ênfase na linearidade, é antitético a muitas formas de conhecimento que existem fora da tradição ocidental — formas em que a literatura não se apresenta de maneira linear e que, em muitos sentidos, pareceriam sem sentido para uma mente ocidentalizada. Fomos condicionados a enxergar as coisas de uma única maneira. Acho que, no fundo, trata-se de quem tem o poder de decidir o que conta como letramento e o que conta como literatura. Mas, para mim, o que move meu trabalho de maneira ainda mais



profunda é aquilo em que acreditamos sobre nós mesmos. Porque, no esforço de sobreviver dentro dessa narrativa, dentro da narrativa e do enquadramento de outra pessoa, acabamos renunciando e descartando as partes de nós que não se encaixam, embora essas partes sejam absolutamente legítimas. Então, quando você pergunta sobre as implicações disso para quais vozes são legitimadas, as implicações são justamente essas que acabei de mencionar; mas há também implicações sobre como nos tornamos psicológica e mentalmente subjugados de uma forma que perpetua nosso apagamento. Essa dimensão internalizada me preocupa profundamente.

MATRAGA | O livro apresenta uma crítica a pedagogias liberais bem-intencionadas, mas não reflexivas, em especial à ideia de “dar” voz a alunos racializados. Como você vê o letramento crítico — e especificamente os Círculos de Cultura freireanos — operando como retificador dessas dinâmicas, e que riscos permanecem mesmo dentro de estruturas supostamente críticas ou progressistas?

DRA. J. | Os círculos de cultura freireanos em particular, em virtude de considerarem o poder da agência vocal e letramentos de múltiplas partes interessadas, já erradicam a noção de que há uma pessoa que está preparada para dar voz. O foco é o aprofundamento da consciência das pessoas com a crença fundamental de que as pessoas têm o conhecimento, o poder e a capacidade para se mobilizar ao redor da mudança social na qual acreditam, então, de imediato, a natureza paternalista do que significa dar voz é corrigida nos termos do risco que permanece. Há simplesmente muito conflito nos espaços de justiça social sobre o qual eu não acho que falamos o suficiente, mas acredito que o risco que permanece talvez seja o fato de que, mesmo quando pensamos no que significa concretizar nossas respectivas vozes, há múltiplas forças em operação, ao longo das linhas da opressão e da libertação, atuando a qualquer momento. Então, quando você pensa em termos de gênero, por estarmos pensando coletivamente em libertação econômica, isso não significa que não vá haver violência de gênero ocorrendo nesses espaços. Ou seja, mesmo nesses espaços em que estamos pensando em dar forma concreta às pessoas, nossos papéis e identidades socialmente construídos, assim como esses sistemas, ainda estão em vigor e continuam a se manifestar na maneira como fazemos esse trabalho.

Acho que outra questão é que, quando se pensa em algo como a cultura freiriana, os círculos de cultura freireana e outras pedagogias críticas, há um falso binário entre a comunidade e a instituição, ou a comunidade e a escola, então nós acreditamos que a comunidade é esse espaço não contaminado que vai nos redimir se nós libertarmos as pessoas. E é muito mais complicado do que isso, porque viver sob o sistema de opressão significa que houve violência e dano, e que a recuperação é necessária, então não é tão simples. Não é que você remove as formas de opressão e agora todo mundo vai estar liberto: mesmo as pessoas que foram oprimidas, mesmo as pessoas que estão lutando contra — há muito a ser feito. Então eu acho que esse é o risco dentro dessas estruturas, não acredito que eles levem suficientemente em conta o tipo de dano que pode ser — e muitas vezes é — perpetuado dentro de contextos críticos de justiça social, e até mesmo no uso de estruturas pedagógicas críticas de justiça social.



MATRAGA | Poesia e *spoken word* são centrais para seu trabalho acadêmico e sua prática pedagógica. Como você entende a forma poética como um modo de produção de teoria e de ruptura, especialmente em relação ao que você descreve em outros momentos como “letramentos de libertação”, que excedem os gêneros acadêmicos padronizados?

DRA. J. | Isso retorna ao que eu estava compartilhando um pouco mais cedo, que a poesia é uma maneira de saber que é fundamentalmente diferente de outros letramentos que são tipicamente privilegiados nas escolas. Se pensarmos em algo como a pedagogia culturalmente sustentadora, que busca nos afastar de hierarquias em direção ao pluralismo cultural, entendemos que as formas acadêmicas tradicionais ou normativas de conhecimento são, literalmente, apenas uma maneira entre outras. Já a investigação poética e a análise poética evocam algo muito diferente em termos do que nos é permitido conhecer, porque operam por meio da arte — e a arte fala sobre a realidade de um modo distinto dos fatos ou da verdade, certo? Como eu disse antes, também se trata do que isso evoca, do que isso torna possível. Acho que a poesia torna coisas possíveis, até mesmo o próprio ato de dizer certas coisas, eu diria. Ela torna possíveis modos de movimento que outras formas não permitem. Quando utilizo poesia na minha prática pedagógica, emoções passam a existir na sala de aula de uma forma que normalmente não é permitida e, como sou pesquisadora de letramento, o que observo com atenção, especialmente com *spoken word*, é como a liberdade dessa prática permite que o repertório de letramentos dos estudantes entre na sala de aula de maneiras que outros modos não possibilitam. Você ouve o espectro completo do repertório letrado de alguém no *spoken word* de uma forma que não é permitida na escrita acadêmica tradicional. Porque língua é mais do que palavras, porque língua é identidade, história, cultura e poder. A pedagogia dos letramentos de libertação consiste em compreender como convidamos esse poder para dentro da sala de aula e depois o mobilizamos para transformar nossas práticas. Mas não podemos transformar nossas salas de aula com isso se ele não estiver presente nelas.

A poesia *spoken word* é uma das formas mais naturais de trazer isso para dentro da sala e ver o que ela pode fazer. Muitas vezes, percebemos que as habilidades cognitivas, metacognitivas e socioemocionais necessárias para engajar nesses tipos de práticas e gêneros são simplesmente diferentes. São fundamentalmente diferentes e, em alguns casos, até mais complexas do que aquilo que normalmente escolhemos valorizar na sala de aula. Então sim, acredito que ela seja disruptiva nesse sentido e também produtora de teoria, na medida em que nos permite ver coisas que outras modalidades não nos permitem ver.

MATRAGA | Você discute “Esperança Crítica” enquanto uma forma distinta das noções abstratas ou sentimentais de esperança, particularmente em momentos de intensa repercussão política contra a educação para a justiça racial. Como educadores e acadêmicos podem manter Esperança Crítica sem reproduzir dano, extração ou mão de obra emocional para estudantes racializados — especialmente sob restrições legislativas ou institucionais?

DRA. J. | Quero garantir que a noção de esperança crítica seja atribuída a Jeffrey Duncan-Andrade. Para pensar essa questão, primeiro quero afirmar que não acredito que seja possível



fazer esse trabalho sem causar danos. Acho que, no espírito da justiça transformativa, precisamos nos preparar para o que significa reparar o dano quando ele inevitavelmente acontece, nos preparar para o dano da extração ou outros tipos de dano que provavelmente nem conseguimos prever. Precisamos apenas nos compreender como incompletos, mas o componente crítico é o que ajuda com o restante dessa pergunta. Como fazemos isso sem reproduzir os próprios sistemas que estamos tentando minar é o que estou entendendo. É porque pensamos essa esperança em relação aos sistemas de poder que estamos questionando. Então a ideia de criticidade, como vem da teoria crítica, diz respeito ao que significa questionar e desestabilizar os modos de poder que existem em relação a qualquer coisa sobre a qual estamos falando. Então, se estamos falando de esperança — esperança é algo lindo — mas quando pensamos em esperança em relação a sistemas de poder, entendemos que esses sistemas frequentemente criam narrativas falsas e superficiais de esperança ou narrativas veladas de esperança que, na verdade, têm o objetivo de nos levar à complacência. Uma vez que você entende a esperança no contexto de desmistificar o que os sistemas estão realmente tentando fazer, então lidamos com o conceito de esperança de maneira diferente. Não queremos isso, precisamos de um tipo de esperança que mude as condições materiais das pessoas, certo? Então acho que a forma de trabalhar para não reproduzir o mesmo nível de dano ou para permanecer comprometidos com a reparação do dano de uma maneira que o sistema atual não faz é fazendo as perguntas sobre esses sistemas que normalmente não fazemos.

MATRAGA | No posfácio, você descreve *Black Appetite, White Food* como uma obra que sustenta a tensão entre a recuperação e a busca contínua por justiça educacional. Olhando para o livro no contexto de mudanças culturais e políticas recentes, como você vê a evolução de seus argumentos, e quais questões inacabadas você mais espera que os leitores — especialmente aqueles que trabalham com literatura e educação — levem adiante?

DRA. J. | Há muito que evoluiu no meu trabalho atual. Eu acho que um grande elemento que evoluiu é que, quando escrevi o livro, eu tinha me juntado à linha de acadêmicos, ativistas e membros da comunidade que vinham tentando ajudar a desmistificar os sistemas de dano que existem ao nosso redor. Eu acho que o trabalho é diferente agora porque os sistemas de dano estão orgulhosos em alto e bom som de maneiras que não estavam sete anos atrás, quando esse livro foi publicado. Eu acho que estávamos tentando convencer as pessoas de que havia racismo. Estávamos tentando convencer as pessoas de que todas as questões sociais que vieram ao primeiro plano eram muito perniciosas e eu acho que é muito claro qual é o objetivo agora. Então, uma das maiores mudanças é que o trabalho é diferente porque a questão não é apenas mostrar para as pessoas o que está acontecendo. Agora a questão é dar suporte para as pessoas, organizar-se contra o que está claramente acontecendo, o acolhimento ativo, com a construção de coalizões que se coloquem em solidariedade com as pessoas que estão sendo mais alvejadas no momento e com a construção de futuros sociais que vão ser especialmente necessários na outra margem dessa insensatez.

Eu acho que tudo se tornou incontornável de um jeito diferente e isso requer um trabalho diferente. Eu quero que os leitores pensem sobre o que isso significa, porque antes eu estava ten-



tando convencer professores de que eles deveriam falar sobre justiça racial nas escolas e agora eles nem mesmo têm permissão legal para fazer isso. Esse é um cenário diferente. Antes, nós estávamos tentando mostrar que, se não tomássemos cuidado, chegaríamos ao ponto em que esse nível de sentimento anti-imigrante ficaria volátil e violento, o nível de violência do Estado, nós falamos sobre isso e agora aqui estamos. Naquele momento, estávamos falando sobre a forma como a brutalidade policial se estenderia à violência do Estado contra qualquer um e agora aqui estamos. Então eu acho que o trabalho para pessoas das áreas de literatura e educação no momento realmente é pensar sobre o que é que precisamos construir, manter e curar agora que possa nos carregar para esse próximo capítulo, porque este não vai durar, especialmente nos Estados Unidos. Esse regime não vai durar e nós vamos precisar saber o que fazer quando atravessarmos isso e precisamos ser muito claros sobre quem somos dentro dele nesse momento. O que significa se posicionar, o que vamos colocar em risco em defesa das pessoas ao nosso redor. Esses são alguns dos meus pensamentos iniciais sobre isso.

MATRAGA | Numa conversa recente no *Mrs. Eva's The Resistance: An Underground Educators Podcast*, você refletiu sobre a escolha deliberada de Toni Morrison de centralizar “espaços nas vidas negras que foram desacreditados pela supremacia branca” como o ponto de sua investigação literária. Dado que romances como *O olho mais azul* e *Amada* continuam sendo banidos ou removidos de bibliotecas escolares na atual onda de restrições a livros nos Estados Unidos, como você entende a ameaça política duradoura representada pela ficção de Morrison, e o que este momento revela sobre o papel da literatura nas lutas por justiça racial, memória e liberdade coletiva?

DRA. J. | Eu adorei essa pergunta. Eu adorei todas essas perguntas, elas são muito poderosas e profundas. Não é interessante que algo tão poderoso tenha acontecido na literatura de Toni Morrison a ponto de precisar ser silenciado? Eu acho isso fascinante, porque os espaços que desacreditamos, nós quase acreditamos que não têm valor, que não têm consequência social alguma. Porque é apenas o alpendre de uma feira negra no sul dos EUA, é apenas um salão de cabeleireiro, é apenas a varanda do quintal da casa de alguém. Achamos que esses espaços não têm importância, mas, ao nos fazer olhar para os mundos tanto interiores quanto sociais dessas pessoas e nessas paisagens, Toni Morrison mostrou como podemos exercer o poder deles, e isso deveria significar que entendemos que não é que os espaços desacreditados não tenham importância: é que eles são ameaçadores.

Acho que deveríamos contemplar de forma um pouco diferente agora justamente aquilo que é desacreditado, porque é como: “Espera um minuto. Eu achava que isso não importava para o teste padronizado. Eu achava que isso não ia me preparar para a faculdade e para a carreira, então é um conhecimento de que eu não preciso”. E não é que você não precise disso, é que ser equipado com isso pode te dar um tipo específico de poder social, um tipo de poder social que é perigoso no melhor sentido possível. Acho que o papel da literatura está nessa capacidade da literatura de fazer isso: de ser tão evocativa e de fornecer o que eu gosto de chamar não apenas informação, mas informação com inspiração, de uma forma que move as pessoas até o seu núcleo. Acho que isso mobiliza as pessoas de maneira diferente. Porque todos nós pode-



mos ouvir um discurso sobre certos fatos, mas — isso é curioso, porque eu sempre escuto e leio tanto Toni Morrison e Maya Angelou que sempre acabo misturando as palavras delas na minha cabeça — mas uma delas, ou talvez ambas, me ensinaram que precisamos ter cuidado para que os fatos não obscureçam a verdade.

Acho que é isso que a literatura faz: ela diz a verdade, e eu acredito que esse seja o seu papel na justiça racial, na memória e na liberdade coletiva. Há muitos fatos por aí, mas quando você quer verdade, acho que você recorre às artes. Acho que ela faz algo diferente.

